

MIGUEL UCHÔA

Diga **sim** com convicção



O que você precisa
saber antes de se casar



DIGA SIM COM CONVICÇÃO

1

Paixão x amor Qual é a diferença?

Quando a paixão entra pela porta principal, a sensatez foge pela porta dos fundos.

Thomas Fuller

Uma observação mais cuidadosa me levou a perceber que casais têm se comprometido por meio do casamento, fazendo promessas de vida comum “até que a morte os separe”, mas em pouco tempo entram em crise. De onde vem essa crise entre duas pessoas que poucos meses antes trocavam olhares apaixonados no altar de uma igreja? Não serei reducionista a ponto de indicar apenas uma causa, mas asseguro que uma parcela grande desses casos tem a ver com o desconhecimento do universo do outro. Antes de dizer *sim* e assumir o compromisso por meio do matrimônio, esses casais precisariam se conhecer melhor, planejar a vida em par, observar nuances que mais tarde poderão se transformar em grandes obstáculos a uma vida a dois.

AMOR PLATÔNICO E AMOR GENUÍNO

Talvez você conheça a expressão “amor platônico”. Segundo a Wikipédia, essa expressão foi usada pela primeira vez pelo filósofo neoplatônico Marsílio Ficino, de Florença, antiga cidade da Etrúria, na Itália, como sinônimo de “amor socrático”. Ambas as expressões significariam um amor centrado na

beleza do caráter e na inteligência de uma pessoa, em vez de em seus atributos físicos. A expressão ganhou nova acepção com a publicação da obra *Platonic Lovers* [Amantes platônicos], de 1636, do poeta inglês *sir* William Davenant, que fala do amor como a raiz de todas as virtudes e da verdade, com base na obra *O banquete*, de Platão. Esse tipo de amor passou a ser entendido como um amor a distância, que não se aproxima, não toca, não envolve. Reveste-se de fantasias e de idealização. O objeto do amor é o ser perfeito, detentor de todas as boas qualidades e sem mácula. Parece que esse amor se distancia da realidade e, como foge do real, mistura-se com o mundo do sonho e da fantasia. Ocorre de maneira frequente na adolescência e em adultos jovens, principalmente nos indivíduos mais tímidos, introvertidos, que sentem uma maior dificuldade de aproximar-se da pessoa amada — por insegurança, imaturidade ou inibição do ponto de vista emocional.¹

Ocorre-me que amar o desconhecido é um tipo de amor platônico, que ama o que é aparente, que não se toca, não se envolve e se mistura com o mundo da fantasia. Em rigor, como posso amar o que não conheço? Ora, se não conheço, não posso encontrar as verdadeiras razões para amar. Assisti a um programa em que um cantor, ainda adolescente, arrancava gritos de uma plateia mista de adolescentes, jovens e até alguns adultos, em um fenômeno histérico delirante. Essas fãs diziam, em lágrimas incontidas, na presença do ídolo: “Eu te amo, e estarei sempre ao teu lado, como estou agora”. Amar o desconhecido não pode ser considerado amor genuíno, mas se aproxima mais de uma paixão platônica.

Uma das expressões de amor mais conhecidas foi escrita pelo apóstolo Paulo. Para ele, esta é a maneira de definir o verdadeiro amor:

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine. Ainda que eu tenha o dom de profecia e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei. Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me valerá.

O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará. Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos; quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá. Quando eu era menino, falava como menino, pensava como menino e raciocinava como menino. Quando me tornei homem, deixei para trás as coisas de menino. Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho; mas, então, veremos face a face. Agora conheço em parte; então, conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido.

Assim, permanecem agora estes três: a fé, a esperança e o amor. O maior deles, porém, é o amor.

1Coríntios 13.1-13

Posso imaginar, e assim também pensei em minha primeira aproximação desse incrível texto, que você o entenda como algo utópico e inalcançável. Mais tarde compreendi que essa é a maneira perfeita de se amar e que eu, com minhas imensas limitações, jamais seria capaz de reproduzir esse amor perfeito. No entanto, cito essa definição por entender que estamos, sim, distantes da perfeição, mas vivemos sempre em sua busca

(Fp 3.12-16). Isso ao mesmo tempo em que compreendemos seus limites com maturidade. “Prossigo para o alvo”, diz Paulo. E devemos ter justamente este alvo em nossa vida: buscar o amor mais próximo possível da perfeição.

De acordo com os atributos do amor relacionados pelo apóstolo, entende-se que há algo de extremamente prático em amar. Nenhuma das características citadas do amor verdadeiro são subjetivas. Pelo contrário, são atitudes e posturas concretas, que, ao se materializarem em nossa vida, demonstram que o verdadeiro amor se aproxima de nós. James Hunter, autor do *best-seller O monge e o executivo*,² alinha-se com esse pensamento quando afirma que “o amor é o que o amor faz”. Isso quer dizer que é algo concreto.

Jesus, quando amou os seus discípulos, o fez os conhecendo, sabendo que eles estavam no mundo, sujeitos às paixões e a todo tipo de falha e equívoco. Ainda assim, os amou até o fim. Ele amou Pedro em sua fragilidade temperamental, amou Tomé com sua falta de fé, amou o mundo pecador e deu sua vida por ele. Esse é o verdadeiro amor — o que ama conhecendo, sabendo e estando a par de quem é o objeto amado. “Um pouco antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que havia chegado o tempo em que deixaria este mundo e iria para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim.” (Jo 13.1.)

Fica a pergunta: posso amar o que não conheço? Ora, se chego à conclusão de que quem ama o faz “apesar de”, encerro as possibilidades de amar sem conhecer. Passo a entender que esse tipo de amor deve ter outra definição e se aproxima do tipo platônico em sua definição mais tardia, quando o ser amado é perfeito, detentor de todas as boas qualidades e sem mácula. Segundo a definição analisada, esse comportamento tem um toque “adolescente”.

Observo em muitos relacionamentos que o desconhecimento do objeto do amor é uma marca forte. O que me leva a definir esse comportamento como mais próximo da paixão do que do verdadeiro e sincero amor. Não seria um equívoco dizer que muitos dos jovens que entram no casamento hoje desenvolvem esse tipo de sentimento. Isso não significa que essa paixão não possa evoluir para o amor verdadeiro, mas precisará de tempo, exposição, verdade e transparência — o que nem sempre ocorre nos namoros. Com isso, o emergir de um verdadeiro e sincero amor é prejudicado.

AMOR X PAIXÃO

Ricardo e Patrícia (nomes fictícios) se conhecem em um encontro de amigos comuns. Entreolham-se por algum tempo. O brilho chega aos olhos de ambos, e a química da paixão começa a funcionar. Aspectos físicos chamam a atenção. Mais tarde, um namoro se inicia. Com o passar do tempo, e por diferentes motivos, a paixão cede no coração de Ricardo, mas, curiosamente, cresce no de Patrícia. Por isso, ele já não prioriza tanto a relação. Patrícia, por sua vez, insiste, o procura, chega a dramatizar e chora. Essa relação, que há pouco tempo parecia algo harmonioso, fica atolada no lamaçal da paixão e passa longe da espontaneidade do amor. Mas o que houve? Ricardo inicialmente estava feliz e partilhava com Patrícia de seus sentimentos. A “química”, afinal de contas, funcionava. Mas o tempo, associado ao convívio, trouxe à tona cada nuance do comportamento de Patrícia, o que levou Ricardo a perder o “encanto”. Ele não desgosta dela. Até se agrada de alguns momentos de que ambos desfrutam, mas não surgiu lastro para sustentar o amor de fato, e, por isso, Ricardo tende

a não levar adiante o relacionamento, ou, quem sabe, levá-lo, mas sem a seriedade que Patrícia deseja e espera dele.

Ela vê essa relação como a oportunidade de construir uma família. Sua postura será de tentar de todas as maneiras manter o relacionamento. Por conta disso, passa a fazer todos os tipos de concessão. Ela é uma cristã, mas já não insiste em estar na igreja aos domingos, porque Ricardo, mesmo dizendo não se opor, não quer ficar enfiado na igreja. Patrícia, que fazia parte do ministério de música, já não encontra tempo para os ensaios, porque prefere estar com Ricardo — pois ele demanda dela alguma atenção. Neste ponto, começam as concessões de valores, e a coisa se aprofunda. As verdades, antes defendidas por Patrícia com tanta convicção, já não têm a mesma força, pois, para agradar Ricardo, tudo passa a ser relativo, e seus absolutos vão se perdendo. Para Ricardo, fruto da pós-modernidade, tudo é relativo e ele crê que não há nada de mais em muitas coisas. Para Patrícia, que já se acostumou a ceder, tudo vai mudando...

O relacionamento torna-se desequilibrado. De um lado, Patrícia insiste, gruda, cede e se sacrifica para estar junto a Ricardo. Do outro, Ricardo se desinteressa, e a paixão vai aquiescendo. O casal encerra o relacionamento, mas, a essa altura, a paixão (que é cega) já esfacelou a escala de valores de Patrícia, que está afastada da igreja, defende posturas invertidas e encontra-se infeliz e decepcionada com a vida. Só que a vida simplesmente a pôs diante de uma paixão que demandou escolhas. As opções foram feitas e a levaram a uma direção.

Por definição, amor é um sentimento ligado a afeição, a desejo de promover o bem do outro. Biblicamente, vimos em 1Coríntios 13 que o amor tudo suporta pelo objeto amado. A paixão, por sua vez, é algo como um movimento impetuoso da

alma para o bem ou para o mal. Relaciona-se muito mais com atração do que com outros tipos de comportamento.

Nos relacionamentos amorosos, isso se identifica pelo comportamento dos pares. Muitas vezes há um desencontro de ideias e planos: um lado deseja ardentemente a presença do outro, enquanto o parceiro se afasta ou não entra em sintonia com o que o outro sente. É nesse momento que se começa a perceber se a relação tem bases no amor espontâneo e verdadeiro ou está restrita aos encantos da paixão.

Nessa fase o limite entre paixão e amor vai fazer uma grande diferença. A paixão faz concessões em praticamente todas as circunstâncias e áreas da vida. Jovens apaixonados farão de tudo para preservar esse relacionamento, a ponto de abrir mão de valores e crenças desde que o elo seja mantido.

A psicóloga clínica Juliana Amaral, em artigo publicado na internet, expõe desta forma:

Um casal se conhece e inicia uma intensa paixão. A princípio, os objetivos costumam ser os mesmos, pois envolve muito mais o irracional de cada um do que clareza e objetivos da vida a dois. Dentro de algum tempo a paixão, ainda que continue, sofre alguma redução e abre-se espaço para cada um poder mostrar mais sua subjetividade, sua personalidade, assim como o que sonham e desejam juntos, ou não. Vimos em muitos casos que é a partir desse ponto que casais começam a sofrer desencontros e frustrações. Para um, basta o jeito que está, ou começa a mostrar que pensa e age diferente quando se está junto de alguém; para o outro, não basta e deseja mais de um relacionamento do que o que possuem naquele ponto. Algumas vezes o desencontro será iminente, ou seja, anunciado desde o início, outras vezes acontecerá mais lentamente. Nos dois casos o sofrimento e a decepção podem ser igualmente grandes, uma vez que na paixão não se

espera que o outro possa ser, pensar, agir e sentir de forma diferente. Quando o ser humano está apaixonado, dois viram um.³

A frase final — “Quando o ser humano está apaixonado, dois viram um” — poderia ser escrita assim: “Quando o ser humano está apaixonado, dois pensam que são um, mas não são”. Na realidade, o casal vai se formar como tal quando, juntos, superarem suas diferenças e seus desencontros, desenvolvendo respeito e alimentando-se pelo desejo de estar juntos. Nessa direção, as diferenças se ajustam, e as bases de uma relação de amor são fincadas, distanciando-se do sentimento passionai. Caso contrário, a paixão prevalece, o irracional cresce e a sujeição demasiada de uma das partes permanece, com o objetivo de manter o relacionamento.

Não existe uma maneira de afirmar que o amor em um relacionamento se divide em percentuais iguais facilmente contabilizados. Isso seria ingenuidade. Em contrapartida, ninguém pode negar a necessidade de equilíbrio no amor, nas atitudes e no comportamento, alternando-se entre as duas partes, no qual, em diferentes momentos, um leva e o outro se deixa levar. Essa é a dança do amor, que difere bastante da dança da paixão, em que um tentará fazer de tudo e abrirá todo tipo de concessão para que a relação permaneça.

Percebo que boa parte dos relacionamentos com os quais tenho lidado em minha experiência nos preparatórios para casamento tem seu ponto de partida envolto em uma confusão entre paixão e amor. Percebo isso não de maneira empírica, subjetiva, mas atento em cada resposta que recebo e no desenvolvimento das conversas.

A paixão foi bem expressa pelo compositor Ivan Lins. Observe a letra desta canção e perceba que a poesia do autor retrata as nuances da paixão e a diferencia do amor. Ele mostra

a paixão com seus extremos, movida pelos ímpetos e apresentada como algo quase indomável.

Paixão
Estopim aceso
Ai, meu Deus, que medo
Dele se apagar

Paixão
Minha adrenalina
Arde na retina
Quase a me cegar

Paixão
Faca de dois gumes
Preso por ciúmes
Ou livre pra voar

Paixão
Vale até mentira
Mas ninguém me tira
Meu enfeitiçar

Paixão
Indomável coração
Razão
Por que canto esta canção

Paixão
Ela é nossa saga
Leva e nos afoga
Salva e nos afaga
Nunca vai mudar

Paixão
À primeira vista

Sentimento à risca
Morre pra viver

Paixão
É minha tortura
É loucura e cura
Minha Guerra e Paz

Paixão
Meu certo e errado
Seguem bem casados
Parecem iguais

Paixão
Indomável coração
Razão por que canto
Esta canção

Paixão
Ela é nossa saga
Leva e nos afoga
Salva e nos afaga
Nunca vai mudar⁴

ALGUMAS DIFERENÇAS ENTRE AMOR E PAIXÃO

A paixão estará sempre ligada ao exterior, ao que chama a atenção, enquanto o amor estará sempre atraído pelo interior, pelo caráter, pelo que a presença do outro traz de satisfação e faz enfrentar as adversidades. Em outras palavras, o amor ama pelo que o outro é, e não pelo que ele possui, em todos os sentidos.

Não sou descrente do que se chama de amor à primeira vista, mas creio que isso acontece com muita raridade. Na maioria esmagadora das vezes, a paixão se encarrega de encantar no primeiro contato. Esse sentimento pode evoluir para o

verdadeiro amor, mas, quando estanca na paixão, ele é marcado pela superficialidade. Enquanto isso, o amor requer maior conhecimento, e isso significa que ele cresce com o tempo, amadurece no dia a dia. Isso leva ao “amar apesar de” — amar sabendo a quem se ama.

A paixão tem a marca da instabilidade. Seu humor sofre variações, às vezes incompreensíveis, enquanto o amor se mostra estável e seus interesses são constantes, firmes e, acima de tudo, sinceros.

A paixão toma conta da pessoa a ponto de inverter suas prioridades. Ela produz uma dedicação cega e, às vezes, insana. Leva o indivíduo a viver fora da realidade. Você já deve ter visto ou convivido com alguém apaixonado por uma pessoa que sabidamente não é confiável, mas ele insiste, não enxerga, e não ouve a família que só quer o seu bem. O amor, em contrapartida, mantém o equilíbrio. Os valores seguem na hierarquia correta. Deus está em primeiro lugar, mas a família nunca é desprezada. O amor, como vimos em 1Coríntios 13, não é egoísta, “não procura seus interesses”.

O amor é “ensinável”: ele escuta, se interessa em crescer pelo exemplo e pela experiência de outros. Quem ama, por conta de se manter em equilíbrio, ouve. Já a paixão não quer escutar ninguém. Além de cega, ela é surda. Naturalmente, existem muitas outras diferenças entre paixão e amor. Essas são apenas algumas que despertam mais atenção.

..... Meu conselho

Estejam atentos a uma paixão indomável que prevalece sobre a sinceridade do amor. É importante saber que existe um limiar muito tênue entre paixão e amor, e que, em alguns casos,

somente será possível percebê-lo após se estar envolvido nas tempestades da paixão e suas neuroses.

Por outro lado, é importante saber que todo amor terá sempre um pouco da paixão, mas sem o lado negativo. O amor possui uma paixão limpa e verdadeira, daí a expressão “apaixonado”. A paixão é aquele tempero da relação, aquilo que apimenta o amor, que mantém o desejo de estar junto sempre, que alimenta a admiração, que permite o coração se incendiar sem perder a razão e o equilíbrio. Essa é a medida da paixão que existe dentro dos limites do amor. Portanto, sugiro que prestem atenção e percebam o que há de paixão dentro do amor de vocês. Não se deixem dominar por ela e não permitam que ela se extinga por completo.

.....

Todo líder cristão precisa orientar as pessoas com embasamento bíblico e sabedoria prática. E é isso que Miguel Uchôa traz em *Diga sim com convicção*. Esta obra trata de relacionamento, pacto, dívida, sexo, sogros, namoro virtual, casamento, filhos, divórcio e muito mais. Leia-o. Você receberá mais lucidez do alto para se casar com mais convicção.

Ebenézer Bittencourt

Diretor executivo do Instituto Haggai do Brasil

Fiquei impressionado com o conteúdo deste “manual pré-matrimonial”. O livro faz uma avaliação com 360 graus de amplitude dos relacionamentos: namoro, noivado e casamento. Meu amigo Miguel Uchôa escreve com profundidade e praticidade, e ainda conclui cada capítulo com uma seção de conselhos aos leitores. Trata-se de leitura obrigatória para quem deseja um casamento feliz!

Mário Kaschel Simões

Empresário, escritor e palestrante

Neste livro, o bispo Miguel Uchôa apresenta princípios indispensáveis para aqueles que desejam ser bem-sucedidos no maior de todos os empreendimentos, o casamento, e responde com sabedoria algumas de suas questões fundamentais. *Diga sim com convicção* é, sem dúvida, um presente de Deus. Recomendo-o com entusiasmo.

Paulo Mazoni

Pastor sênior da Igreja Batista Central de Belo Horizonte

Poucos livros sobre casamento mostram caminhos e oferecem conselhos tão simples, sábios e pragmáticos como esta obra do bispo Miguel Uchôa. Nos encontros de casais que lidero e nos cursos para noivos que promovo, *Diga sim com convicção* será doravante o nosso texto de reflexão.

Dom Paulo Garcia

Arcebispo e primaz da Igreja Episcopal Carismática do Brasil

MC
mundocristão

ISBN 978-85-7325-972-8



9 788573 259728

Relacionamento